

Freitas, Adelaide. *Smiling in the Darkness*. Translated by Katherine F. Baker, Bobby J. Chamberlain, Reinaldo F. Silva, and Emanuel Melo, foreword by João de Melo, Tagus Press, 2020.

Saudade, esse ícone vernacular da lusofonia, é talvez a palavra mais usada pelos portugueses que deixam Portugal. Não apenas pela referência anedótica à sua intraduzibilidade, sempre a epígrafe das histórias de deslocamento, mas também pela inevitabilidade do próprio sentimento. Porém, um país marcado pela emigração tanto oferece os seus ao estrangeiro, quanto conserva as cicatrizes deixadas pela falta dos que se foram. *Smiling in the Darkness*, de Adelaide Freitas, conta dessas marcas, e daqueles que convivem com elas, ou seja, a outra face da moeda da saudade. Através de uma narradora reclusa e observadora, Freitas apresenta uma família dividida entre os Açores e os Estados Unidos, separados por um oceano que funciona como metáfora para a verdadeira distância emocional entre os países, que migram para Massachusetts, em busca de melhores condições de trabalho, e as crianças que ficam para trás no vilarejo, aos cuidados da avó e da ilha de São Miguel.

Adelaide Freitas (1949–2018) é um dos grandes nomes da literatura açoriana, reconhecida por sua produção ficcional e poética, e sua atividade acadêmica como pesquisadora em Massachusetts e Nova Iorque e professora na Universidade dos Açores. Seu romance de 2004 ganhou uma tradução para o inglês por Katherine F. Baker, e edição da Tagus Press, oriunda da University of Massachusetts Dartmouth, *alma mater* da autora, do mesmo estado que acolheu a ela e seus personagens. Em 2018, a autora recebeu a Insígnia Autônoma de Reconhecimento, reconhecimento da Assembleia Legislativa dos Açores pelo seu trabalho literário. A nota da tradutora menciona sua tese de doutorado sobre *Moby Dick*, de Herman Melville, e as similaridades entre os narradores Ishmael e Isabel, que vão desde a sonoridade dos seus nomes até a atenção ao protagonista cuja jornada emocional é o motor da própria narrativa. A presença implacável do mar é outro elo importante entre Melville e Freitas, um corpo massivo de mistério e perigo, que cerca os personagens oferecendo-lhes ao mesmo tempo prisão e refúgio.

Seguindo uma forte tradição literária que se debruça sobre os movimentos migratórios do povo português, Freitas oferece a perspectiva daqueles que lidam com a ausência dos que partem, em especial dos filhos que são deixados ainda

crianças para crescer sob a promessa de retorno dos pais. Isabel, a narradora, em raras ocasiões manifesta seus próprios sentimentos ou ações no ciclo familiar, dedicando-se principalmente à caçula Xana, cujo nascimento foi um dos principais motivadores para a decisão dos pais. Tem-se então uma jornada de 12 anos, a partir de 1949—ano de nascimento da própria autora. São os 12 primeiros anos de Xana, que não tem memórias dos pais e só os conhece através das fotografias, das cartas, das histórias e dos objetos que são enviados frequentemente da América. Para ela, a *mamã* é uma figura tão fictícia quanto as personagens dos seus livros, e a *vovó* (termos mantidos pela tradução ao inglês), apesar de rejeitar o título, é a sua verdadeira mãe. A avó conheceu a fatura nos Estados Unidos, mas divorciou-se em nome da sua independência e voltou para a ilha de São Miguel, para onde levou a filha que jamais se conformou com a pacata vida no isolamento insular. Os cenários de *Smiling in the Darkness* refletem as emoções dos personagens e predizem o destino da família. O nascimento de Xana se deu durante uma tempestade que destrói parte da casa, apavorando os irmãos e por pouco não tirando a vida da mãe. Outros fenômenos naturais, como terremotos, nevascas e pores-do-sol que se assemelham a erupções vulcânicas são ilustrações quase fantásticas de Freitas para os abalos afetivos causados pelas partidas, rupturas e as promessas nunca cumpridas.

A ausência e a distância da mãe afetam Xana e fazem dela uma criança sensível e arredia, de temperamento difícil, que tem o hábito de fugir e se esconder da realidade da família. Isabel tem dificuldade de acessá-la, apesar dos seus esforços e de narrar a sua história. A outra irmã, Carolina, a rejeita, culpando-a pela partida dos pais e tratando-a com violência. O irmão Daniel, o único homem, lhe serve como figura paterna até o momento em que decide ir pessoalmente à América exigir dos pais o fim do sonho de prosperidade material que havia custado aos filhos alienação e abandono. À época da história, especialmente naquela região de difícil acesso, as viagens intercontinentais significavam uma separação indefinida, um final aberto a esperanças que poderiam jamais se consumir. Quando Daniel decide partir, Isabel descreve o saguão do aeroporto como um *morgue* (necrotério) e como Xana entra em uma escuridão. Mais tarde, após doze anos de separação, o tão esperado retorno dos pais se parece com um retornar dos mortos, e se revela uma fantasia muito diferente da realidade. Xana se vê mais uma vez dividida entre o que poderia ser, e o que jamais poderá ter, e escolhe sua *vovó* e o conforto que

as duas criaram juntas durante toda sua vida desprovida de pai e mãe, sorrindo, apesar da escuridão.

A escrita de Freitas é imagética e sensorial, provocando paisagens amplas como os penhascos e a imensidão do mar, o delicado toque dos lençóis e louças trazidos da América, o cheiro da caça e das batatas sendo preparadas na grande casa. É possível sentir também a angústia da espera e a fagulha acendida por cada nova carta ou fotografia que chega. Por vezes, essa mesma escrita é densa e sufocante, capturando o leitor no espaço opressor da ilha isolada e na lentidão dos anos. *Smiling in the Darkness* é um retrato pungente da separação e do abandono, mas também da esperança e da convicção do reencontro—essa mistura paradoxal, própria do sentimento mais português que há, a saudade.

Laura Vieira

Univeristy of Georgia